

# Agostinho Neto e Manuel Bandeira: de “Vou-me embora prá Pasárgada” a *A renúncia impossível – negação* – um caso de intertextualidade

Ezequiel Manoel Ferreira\*

Quando se lê pela vez primeira o poema “A Renúncia Impossível – Negação” tem-se a impressão de que Agostinho Neto está falando de si mesmo, do povo africano e da África como meros elementos físicos perdidos nos meandros da situação política em que se encontrava Angola e o poeta naquela ocasião em que o poema foi escrito. Explica-se porque ali perfilam as mais diversas situações por que passa o homem de cor negra, em variadas partes do planeta e nos mais diversos momentos da vida. Mas é um ledor enganado. Se assim não o fosse, não estaríamos diante de uma das maiores expressões literárias das chamadas “literaturas africanas de língua portuguesa”.<sup>1</sup> Agostinho Neto estava sim apenas servindo-se do suporte físico necessário para falar de algo muito mais profundo: a poesia. Neste poema relativamente extenso por onde perfilam situações as mais diferentes, abrangendo a negação de valores nos mais diversos segmentos sociais, políticos e financeiros do mundo, apenas três versos deixam transparecer o real objetivo da escrita agostinhoneta:

*e o suor do rosto é a poesia da vida  
viva a poesia da vida!  
Viva!* (Neto, 1987, p. 61)

A poesia da vida, esta é a que interessa ao poeta. Telúrica? Sim. No dizer de Salvato Trigo (1979, p. 52), a geração de Mensagem, e nela se insere Agos-

\* Mestrando em Literaturas de Língua Portuguesa – PUC Minas.

<sup>1</sup> Expressão proposta pelo Prof. Wilton Cardoso, no ano de 1979, em Belo Horizonte, no VI Congresso dos Professores Universitários Brasileiros do Ensino de Literatura Portuguesa. Cf. FERREIRA, Manuel. O discurso no Percorso Africano I. Venda Nova: Plátano Editora.

tinho Neto, deveria realmente fazer este tipo de poesia mas não apenas na sua concepção – mais telúrica, mais humana, mais cósmica –, mas também na forma e no conteúdo, ou se preferirmos, em termos greimasianos, na forma da expressão e na forma do conteúdo. O manifesto “Vamos Descobrir Angola” continha já nítidas indicações da forma que mais conviria à poética da angolanidade.

Se os versos de Maurício Gomes profetizavam em puro versilibrismo em Exortação que:

*Essa nova poesia  
será vasada em forma candente  
sem limites nem peias  
diferente!  
(...)  
Poesia inconformista,  
diferente,  
será revolucionária.  
como arte literária  
desprezando regras estabelecidas  
idéias feitas, pieguices, transcendências* (Trigo, 1979, p. 53)

facilmente pode-se aqui notar a fala de Bandeira que em seu poema Poética gritava a plenos pulmões:

*Abaixo os puristas  
Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais  
Todas as construções sobretudo as sintaxes de execução  
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis* (Bandeira, 1976, p. 98)

proclamando a liberdade total da forma que deveria ser revolucionária, não obedecendo, pois, a quaisquer regras estabelecidas.

Ora, um rápido retrospecto permite verificar que a presença e a influência da literatura brasileira num todo e a de Graciliano Ramos, Mário de Andrade, Drummond de Andrade, Guimarães Rosa e Manuel Bandeira, entre outros, vinha acontecendo nos países de fala portuguesa de África há muito tempo. A bem da verdade, no século XIX o Brasil já era apontado como modelo para a independência (Ferreira, s.d.). Como se verá logo abaixo, o poema “Vou-me embora prá Pasárgada” (Bandeira, 1976, p. 117) causa grande impacto nos meios literários de África e Manuel Bandeira, no dizer de Antero de Abreu (Ferreira, s.d.), “deixou filhos por toda a África de expressão portuguesa”. Um desses rebentos, com certeza, é Agostinho Neto.

A intertextualidade passa a ser considerada então a partir do instante em

que a poesia de ambos, libertando-se das convenções colonialistas no africano e das peias do purismo no brasileiro, se manifesta soberana num claro e palpável fenômeno dialógico ou, mais concretamente, e na terminologia de Júlia Kristeva, de intertextualidade particular e ativa, no âmbito da língua portuguesa neste vasto espaço sociocultural lingüístico e cultural tão diversificado. No dizer de Senghor, para Agostinho Neto “l’émotion est nègre”. De Bandeira, pode-se afirmar que na sua “poesia há a marca suja da vida” (Bandeira, 1976, p. 144). São duas realidades distintas e aparentemente distantes, mas é nelas que se aplica aquilo para o que Deleuze chama a atenção ao perguntar se “não seriam duas dimensões interiores à linguagem em geral, uma sempre recoberta pela outra, mas continuando a ‘sub-vir’ e a substituir sob a outra?”. (Deleuze, 1994, p. 2)

No poema “Vou-me embora prá Pasárgada” citado antes, Bandeira situa-se entre dois espaços: o atual, carente e o do futuro, espaço de aspiração, o do devir. Presentes aí as duas faces do homem: a que se volta para a ordem e a que se descontrai para o lúdico. Na primeira, o poeta sofre todo tipo de limitações; dali Bandeira se projeta no universo de Pasárgada a partir de carências atuais, de baixo para cima, à procura de um espaço que materializasse seu sonho; na outra, em Pasárgada, tem toda a felicidade, é libertino, irreverente. Lá encontra um rei bonachão, que assume a paternidade de uma infância mítica, atualizada em suas formas lúdicas, próprias também do jogo poético.

A poética e a pasárgada de Bandeira causou impacto nos países de fala portuguesa de África, notadamente nos poetas da revista **Claridade** de Cabo Verde, o que vem provocar naquele país o surgimento da literatura nacional. Baltazar Lopes, sob o pseudônimo de Oswaldo Alcântara publica o seu “Itinerário de Pasárgada”, onde declara:

*Saudade fina de Pasárgada...*

*Em Pasárgada em saberia  
onde é que Deus tinha depositado  
o meu destino...*

*E na altura em que tudo morre...  
(Cavalinhos de Nosso Senhor correm no céu;  
a vizinha acalenta o sono do menino rezingão;  
Tói Mulato foge a bordo de um vapor;  
O comerciante tirou a menina de casa;  
os mocinhos da minha rua cantam:  
Indo eu, indo eu,  
a caminho de Viseu...)  
Na hora em que tudo morre,  
esta saudade fina de Pasárgada  
é um veneno gostoso dentro do meu coração.* (Andrade, 1977, p. 32)

Se depois disso surge uma reação contra essa forma de identificação considerada por muitos como evasão, notadamente a partir dos anos 60, reação encabeçada por Ovídio Martins que declara em seu poema “Anti-evasão” “Não vou para Pasárgada” é porque a dimensão coberta, conforme diz Deleuze, não foi entendida. Não foi assim com Agostinho Neto. Este traça para si um rumo a seguir e os dois rumos, o dele e o de Manuel Bandeira, se confundem e se fundem num determinado momento. Se Bandeira aspira por Pasárgada, Neto pretende desaparecer (...) até mesmo nos cérebros em “A Renúncia Impossível” (Neto, 1987, p. 57). Dá-se o mesmo, pois a anulação da matéria vai deixar resplandecer a essência da poesia. Esta vai ficar.

*Abençoada a Hora  
do meu super-suicídio  
(...)  
Cheguei ao Zero-Espaço  
Ao Nada-Tempo  
Ao Eu coincidente com vós-Tudo.* (Neto, 1987, p. 63)

E Bandeira desabafa:

*Vão demolir esta casa.  
Mas meu quarto vai ficar,  
Não como forma imperfeita  
Neste mundo de aparências:  
Vai ficar na eternidade,  
Com seus livros, com seus quadros,  
Intacto, suspenso no ar!* (Bandeira, 1976, p. 155)

E pergunta, na ânsia de encontrar resposta para a sua própria angústia:

*Morrer sem deixar porventura uma alma errante...  
A caminho do céu?  
Mas que céu pode satisfazer seu sonho de céu?* (Bandeira, 1976, p. 148)

Reconhece que a matéria vai inexoravelmente desaparecer. Mas isto é compensado pela ciência de que o seu velho quarto vai continuar existindo além dos limites de tempo e espaço – seguro e eterno dentro de uma realidade metafísica, mais real do que qualquer coisa que venha a ser encontrada neste mundo de efemeridades e de sombras. O poeta pode até não encontrar a felicidade que tanto espera. A poesia, no entanto, vai continuar viva.

A degradação da Lapa assume, desta maneira, uma nova dimensão para a espiritualidade do poeta – a Lapa torna-se a provação, onde o sagrado e o profano têm significado e substância. Os prédios têm importância na vida do poeta

porque é ali que passou parte dos seus anos e ali construiu parte de sua poesia. A Lapa se degrada e a poesia fica. Em Agostinho Neto, desaparecem as estruturas sociais até então mantidas por negros nos seus mais diversos segmentos; permanece, no entanto, o Homem na sua essência e na ânsia de viver. O “deixai-me desaparecer” é o grito da destruição metafórica da sociedade colonialista e a chegada de outro homem para uma outra sociedade, livre.

Com efeito, o processo de intertextualidade é onipresente. Manuel Ferreira (s.d., p. 185) considera que “não há enunciado que não seja o produto da intercepção textual”. E continua:

*a via sinuosa e mui fecunda da influência, da interferência, da ruptura com a norma, ou seja, da intertextualidade, vai-se estendendo, aprofundando, lançando as suas raízes que se reproduzem ad infinitum e vão dar novos frutos.*

Tal como Bandeira, Agostinho Neto canta a degradação e a destruição. Se para aquele é a Lapa que vai sendo aos poucos destruída na sua estrutura social com a degradação dos costumes e a própria desestruturação física dos seus prédios, para este é o próprio homem que vai igualmente aos poucos se anulando, com a derrocada e o esfacelamento das imposições sociais, políticas, históricas, religiosas, trabalhistas, artísticas e militares, num contínuo e acelerado processo de anulação para abrir espaço para outra realidade: “Quero que o não-eu se aposse de mim”. No final, prevalece a arte e a poesia de negar a própria existência.

— *Fui eu quem renunciou à Vida!*

(...)

*Não sou Nunca fui*

*Renuncio-me*

*Atingi o Zero*

E mais adiante:

*Atingi o Zero*

*Cheguei à hora do início do mundo*

*e resolvi não existir. (Neto, 1976, p. 65)*

Agostinho chega a não acreditar em si próprio:

*Não creio em mim*

*Não existo*

*Não quero eu não quero ser*

*Quero destruir-me*

(...)

*Pulverizar o meu ser  
desaparecer  
não deixar sequer traço de passagem  
pelo mundo* (Neto, 1976, p. 56)

ao que Bandeira responde, prontamente:

*Morrer tão completamente  
Que um dia ao lerem o teu nome num papel  
Perguntem: "Quem foi? ..."  
Morrer mais completamente ainda,  
– Sem deixar sequer esse nome.* (Bandeira, 1976, p. 148-149)

Os dois poetas não conseguem escapar de um juízo mais crítico a respeito daquilo que pretendem fazer. Como que numa encenação jogralesca, os textos se entrecruzam e se apresentam com identidades comuns: uma intertextualização em verso livre. É que o verso livre não procura uma liberdade caracterizada como anárquica e sim tentam reter a síncope e as repetições características de ambas as culturas. Não existe só a repetição de palavras, pois ambos procuram sobretudo a dissonância que lhes permite melhor definir esta busca da anulação que, se no caso de Bandeira é a de uma vida eivada de angústia, privação e dor, em Agostinho é a destruição do homem africano, da própria unidade da África. Fica apenas a poesia. E isto nos basta.

### Referências bibliográficas

- ANDRADE, Mário de. *Na noite grávida*. Sá da Costa, 1977.
- BANDEIRA, Manuel. *Poesias reunidas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- DELEUZE, Giles. *Lógica dos sentidos*. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- FERREIRA, Manuel. *O discurso no percurso africano* 1. Venda Nova: Plátano Editora.
- NETO, Agostinho. *A renúncia impossível*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1976.
- NETO, Agostinho. *Sagrada esperança*. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- TRIGO, Salvato. *A poética da geração de mensagem*. Porto: Brasília Editora, 1979.